

Securitização da dívida: credores estão céticos.

Um plano de securitização da dívida brasileira é "muito difícil", na opinião do chefe do sub comitê de economistas dos bancos credores, Arturo Porzekanski, vice-presidente de um banco (o **Morgan Guaranty Trust Company**) que apoiou tal solução no caso mexicano. Sua ressalva no caso do Brasil se deve a dois motivos, conforme explicou ontem em Brasília: tem reservas confessadas muito baixas, o que impediria a formação de lastro para lançamento de bônus próprio, como fez o México, que tem reservas de US\$ 15 bilhões; e por ter quebrado a tradição de bom pagador.

"Quem vai querer comprar bônus de um país que já fez moratória e deixou de pagar os juros? O México continuou a pagar os juros e os títulos do governo dos EUA garantem apenas o principal, ficando os juros com a garantia do Banco Central do México. Não sei se haverá compradores de bônus com garantia do Banco Central do Brasil" — disse Porzekanski que foi ontem com sua equipe ao BC mas, por falta de interlocuto-

res, pouco pôde fazer além de dar entrevistas. Afirmou, entre outras coisas, que os bancos credores sempre consideraram praticamente impossível um acordo para o refinanciamento dos juros devidos pelo Brasil e para o global de sua dívida externa, sem que o País firmasse algum tipo de compromisso com o Fundo Monetário Internacional (FMI).

Atualmente, por exemplo, Porzekanski vê alguma possibilidade de securitização se o Brasil arrumar um **padrinho**, "o que Bresser tentou durante todo o tempo e não conseguiu". Esse avalista poderia ser o próprio FMI, o Banco Mundial (Bird), ou qualquer outro organismo (ou governo), opina o economista.

Porzekanski considera improvável que o Brasil mantenha como linha para a renegociação as idéias do ex-ministro Bresser Pereira que, em caso de impasse, pretendia dispensar o comitê de bancos e passar a negociar individualmente. "Seria deixar de

negociar com 14 bancos para negociar com 600 bancos diferentes", comentou.

O chefe do subcomitê opinou que o Brasil teria provavelmente obtido melhores resultados se houvesse iniciado negociações com o FMI, Bird e Clube de Paris, para buscar uma solução integrada. Este modelo, afirmou, seria um fator de eficiência e faria com que o País ganhasse tempo na sua volta ao mercado financeiro internacional. Levar o tema para o campo ideológico, no entender dos credores, acabou por comprometer soluções práticas, atrapalhando o andamento das negociações.

Porzekanski apontou a politização da dívida como um dos maiores obstáculos para a solução do problema, que foi agravado com a postura do ex-ministro Dílson Funaro. Ao tentar levar a dívida para o nível político nada foi resolvido, continuou Porzekanski, apontando que apesar de apoio político de alguns governos nenhum país fez nada pelo Brasil.